

MEDEIROS, Aldinida. *Travessias pela Literatura Portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira*. Campina Grande: Eduepb, 2013. 240 p.



À pergunta do texto introdutório ao volume dos oito ensaios – *Travessias pela Literatura Portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira*, com organização de Aldinida Medeiros – de que a coletânea indicaria a sugestão de um “cânone” para os atuais estudiosos de Literatura lusa –, temos de imediato uma resposta de Cristina Costa Vieira: “A resposta é negativa”. Observa-se uma inversão na ordem cronológica e nas escolhas que se detém em gêneros menos frequentes, como o conto, a carta e o sermão. No presente caso eles se associam ao romance, em menor número, embora o grande gênero dos últimos séculos. Para acompanhar a disposição que lhes deu a organizadora desta seleta, nossos comentários seguirão o exercício de uma trajetória que começa com a alegoria da ilha e se completa com o discurso de Vieira, e os formatos alegóricos de seus sermões.

O ensaio que abre a coletânea, “Viagem à ilha (desconhecida)”, por Conceição Flores, concentra-se na narrativa curta, de 1997, em que José Saramago (1922-2010) tematiza, por uma perspectiva satírica, o projeto imperialista português e suas intenções de domínio para além do Atlântico, ao contrário do que encontramos no épico camoniano do século XVI; agora, “o mar acaba e a terra principia”. Os problemas que dominaram o século XX para o povo português, entre outros, a quebra da democracia, os abusos da corrupção pelas elites administrativas, a ambição do capital, a prevalência de uma inserção na Europa moderna e o esquecimento dos problemas que persistem, por não resolvidos, ambientam-se na ilha conhecida. Não obstante o cenário burocratizado, Saramago, como o destaca a ensaísta, abre seu texto à alegria da esperança, como um bálsamo para a desolação. Já o segundo ensaio, dada a proximidade temporal ao escritor escolhido, António Lobo Antunes (1942-), em relação a Saramago, com textos escolhidos, *Os cus de Judas* (1979) e *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* (2009), por Rosângela de Melo Rodrigues, traz, de experiências da primeira metade do século XX, os embates do neorealismo e as heranças do romance eciano. Tal como figura desde o título, o ensaio destaca a metanarratividade, “A metanarrativa em António Lobo Antunes”, quase um leitmotiv do pós-modernismo oriundo das vanguardas artísticas de fins do século XIX e

dos inícios do século XX, como um recurso de linguagem desenvolvido entre as instâncias da autoria, do narrador e das personagens, em torno dos grandes temas da ficção: o afastamento gradual de um conjunto de valores que firmaram o sujeito moderno como aquele que presenciava e vivia o desmoronamento das certezas asseguradas pela estrutura familiar, aquela que parecia garantir à sociedade uma estabilização dos projetos traçados pelos donos do poder. À medida que o desmoronamento familiar avança, arrastando consigo perdas fundamentais, o indivíduo é um ente perdido, que já não se sente em casa em lugar nenhum. Talvez, a última das possibilidades de pensar o sem-lugar não seria a ficção e suas dimensões, o espaço do poético, a ficção reescrevendo a História dos Impérios, cujas narrativas fazem repensar um passado-presente exposto no continuum de problemas sem solução à vista, como os que desagregam as comunidades, impondo ao indivíduo a solidão e o medo do futuro?

O terceiro ensaio, “Ser e ainda não ser: oscilação e iniciação em *O belo adormecido* (2004) antecedido de a arte do conto de Lídia Jorge – considerações”, por Tiago Aires, ao abordar as ambiguidades e dificuldades com a temática dos gêneros e das identidades sexuais, integra as discussões neoculturalistas, sem deixar de examinar criteriosamente a relação forma-motivo das narrativas de Lídia Jorge.

Segue-se o estudo de Claudia Sousa, “*Livro do desassossego*”: um evangelho por escrever, o qual integra a galeria dos outros nomes da autoria de Fernando Pessoa, fragmentos dados ao conhecimento do público desde 1913, praticamente abrindo o conjunto dos famosos heterônimos. Acompanhando a recomposição de sua trajetória, *o Livro do desassossego* reúne cerca de 481 fragmentos, ao modo de máximas, bem de acordo com o caráter conceitual e reflexivo que caracteriza a linguagem poética de um tempo sem direção, de angústia; no dizer de Leyla Perrone-Moisés, o livro de Bernardo Soares é formado por um “[...] conjunto de peças heteróclitas, *esse puzzle* sem ajuste definitivo; e é essa heterogeneidade em síntese que o torna, mais do que moderno, pós-moderno” (p. 99), entre os aspectos observados por Claudia Sousa.

“*São Cristóvão: a redenção pelo amor fraternal na escrita da maturidade de Eça de Queiroz*”, por Aldinida

Medeiros, ocupa-se da narrativa hagiográfica *Lendas de santos*, das quais se destaca a vida de São Cristóvão, inspirada numa visão idealizada da fraternidade humana de origem franciscana e mostra uma outra faceta das ideias e das temáticas que dominaram a vida e a escrita de Eça de Queiroz. Acrescentam-se aos temas ecianos, com *São Cristóvão*, certa busca espiritualista, uma tentativa de enfatizar a vida interior, o que é percebido pela autora do ensaio como distanciamento dos moldes ultrarreacionistas, na direção de um evangelho primitivo, feito de devoção ao outro, entendendo-se a vida como uma oportunidade para servir e compartilhar com o outro dos bens da terra e do espírito. Observa-se, ainda, certa compatibilidade com a Teologia da Libertação, defendida por religiosos e leigos defensores de um sujeito cristão pensante e ativo, “um evangelho pragmático”, uma santidade para a vida ativa, na mesma concepção paulina, recriada por Santo Agostinho. Seria exagero afirmar que a narrativa estudada por Aldinida Medeiros comporta uma visão utópica do socialismo cristão que se tornou uma das bandeiras para uma “pedagogia da autonomia”, segundo Paulo Freire?

O sexto ensaio, “Reflexões d’alma em busca do amor ideal”: *A primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, por Sirlene Cristóvão, analisa uma das novelas pastoris, *A primavera*, enfeixadas na trilogia publicada em 1601 – trata-se, portanto, do texto mais antigo de quantos compõem a antologia selecionada para estudo. Na abertura do século XVII, as narrativas desta natureza expõem a personagem – Lereno – a espaços físicos e psicológicos, dentro de uma concepção temporal própria ao gênero. Para uma novela desta época, é muito interessante que a ação de *A Primavera* tanto enfatize a idealização quanto as aventuras amorosas do protagonista, ensaiando, talvez, o discurso que tomaria o centro das novelas de salão do setecentos, já contaminadas do burlesco, da picaresca, para notabilizar-se, em especial no segundo aspecto, na materialização das paixões libertinas, como preferências narrativas de gosto filosófico, afastando-se, aos poucos, do bucólico, do campesino, da distância dos amantes, elementos propiciadores da saudade, o grande tema pastoril, da mesma época da primeira parte das aventuras do Quixote.

O penúltimo ensaio, “O exercício da dor de amar em *Cartas portuguesas* de Mariana Alcoforado”, por Marcelo Medeiros da Silva, examina as cinco cartas atribuídas à freira de Beja. As cartas foram publicadas em francês, em 1669 e depois, em português, em 1810, e tem por assunto a paixão da religiosa pelo oficial francês Noël-Bouton de Chamilly. O cunho referencial das cartas deve compreender, para leitores de tempos mais próximos, o fato de a autora delas dirigir-se a/escrever para situações emocionais (o desejo, a saudade, o sofrimento, a solidão), bem como para pessoas (ela própria, o destinatário) reais, destacando-se a natureza metaescritural das cartas. A análise da estrutura da série de cartas-narrativas-confissões e, ao depois, dos aspectos psicoló-

gicos, reforça uma tese do amor impossível de se concluir, perfazendo uma imagem fantasmal do objeto de amor, alimentando-se da dor do abandono, do sofrimento da paixão desesperançada, uma história de projeção da subjetividade feminina num momento em que se consolidavam algumas conquistas do mundo moderno, conquistas defendidas através da soberania da emoção diante da razão assente como afirmação do homem que renascia para outras aventuras.

O último ensaio da coletânea, “Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento”, por Marcelle Ventura Carvalho, escolheu, da sermonística do Padre António Vieira (1608-1697), as seguintes peças: *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma* (1655), *Sermão da Degolação de São João Baptista* (1652), *Sermão de Santo António aos Peixes* (1654), *Sermão da Sexagésima* (1655) e *Sermão dos Bons Anos* (1661). O ensaio interessa-se por investigar “como e com que propósito o orador construía as suas alegorias” (p. 19), não como ornato discursivo, mas como elementos adequados às intenções de sua sermonística. Observar a relação entre episódios do Velho Testamento e fatos da atualidade de Vieira permite à ensaísta optar por uma interpretação carregada de tons bíblicos, e deduzir esclarecimentos e advertências em muitos dos sermões, como uma premonitória para a vida política e religiosa de Portugal. Em que pese a sugestão, por parte de comentário de Alcir Pécora (p. 209-10), de que o orador jesuíta não apurara sua linguagem como pressuposto do discurso persuasivo escrito, principalmente aquele que primeiro fora experimentado nos púlpitos em que pregara, no Brasil e em outras localidades da Europa, há que se observar a forma erudita e primorosa sob muitos pontos, inclusive a estilística, e que tem atravessado os últimos séculos e funcionado como baliza segura para os novos, como o Padre António Vieira cultivou a Língua Portuguesa, ainda tão próxima dos usos camonianos, sobretudo de dentro de uma visão atenta ao seu tempo.

A coletânea, ao adotar uma dinâmica para o cânone escolhido, relido de Saramago a Vieira, desafia o leitor, permitindo-lhe uma interferência capaz de alterar, em muitos sentidos, o seu horizonte de expectativa para os autores e as obras selecionados; permite-lhe, ainda, discutir e reinterpretar medidas e padrões, abordagens e formas de ver e de ler, a partir de suas vivências culturais, de signos e situações sujeitos a mudanças de gosto e às tentativas ousadas de novas gerações por outros parâmetros de fruição de leitura: este é um dos alcances da seleta de ensaios que ora comentamos.

ODALICE CASTRO SILVA
Universidade Federal do Ceará

Recebido: 18 de outubro de 2014
Aprovado: 12 de janeiro de 2015
Contato: ocastroesilva@gmail.com